



MULHERES AO LONGO DA HISTÓRIA: CRIANDO FORMAS PEDAGÓGICAS DE EMPODERAMENTO FEMININO JUVENIL NO AMBIENTE ESCOLAR

*Suzana dos Santos**
*Maria da Graça Maliszewski**
Leandro R. Cordeiro³
Evangelia Aravanis⁴
Ricardo Mendel⁵

Eixo temático:

4. Práticas pedagógicas de Iniciação à Docência nos Anos Finais e Ensino Médio

Neste projeto de aula buscamos trabalhar, junto a EMEF Guajuviras, pedagogias de empoderamento feminino juvenil no ambiente escolar. Começamos dialogando com eles, nas aulas de história, acerca do que entendiam sobre vanguardas femininas, mais especificamente, sobre mulheres que se destacaram frente aos padrões sociais de uma época, transgredindo/borrando as fronteiras entre os gêneros. A partir destas discussões e questionamentos começamos a desenvolver o tema “Mulheres ao longo da história”. A nossa principal intenção, com estas aulas, foi buscar uma forma de empoderamento feminino juvenil, a partir destes relatos de resistências e vanguardismo feminino. Desenvolvemos nossas aulas em duas turmas de 7º ano, com alunos na faixa etária de 12 a 14 anos.

Nas análises sobre as mulheres na Antiguidade, abordamos, primeiramente, os papéis sociais de gênero existentes à época e, após, demos destaque a algumas mulheres que

* Autora. Ulbra/Canoas-História. CAPES. Suzana.santos28@hotmail.com

* Coautora. Ulbra/Canoas-História. CAPES. Ulbra.maria.maliszewsk.sg@gmail.com

³ Coautor. Ulbra/Canoas-História. CAPES. leandro.rcordeiro@yahoo.com.br

⁴ Professora-Doutora. Coordenadora. Ulbra/Canoas. aravanis.ez@terra.com.br

⁵ Professor-Supervisor EMEF. Guajuviras/Canoas. contatomendel@yahoo.com.br



ocuparam posições e papéis sociais não convencionais no período. Especificamente, trabalhamos com a figura da rainha Cleópatra (69 a.c. – 30 a.c.), rainha do Egito, que a maioria dos alunos já ouviu falar; com Hipátia de Alexandria (355 d.C. – 415 d.C.), professora e filósofa respeitada pelos homens do Conselho da cidade de Alexandria, e com a Rainha Faraó Hatshepsut (1479 a.C.), que se caracterizava de homem para ter maior autoridade perante o Império e seus súditos.

Já no período da Idade Média destacamos a misoginia presente nesta sociedade, muito alimentado pela Igreja Católica. Trabalhamos com a lenda medieval, de fundo misógino, “Sedutora Filis”, que aborda os feitos de uma mulher que teria seduzido e humilhado Aristóteles, e com a história de Julia Tofana, natural da ilha de Sicília, e de seu veneno. Este veneno – a água de Tofana - não teria cheiro, nem sabor, e era oferecido por Júlia às mulheres, quer fossem ricas ou pobres, para se livrarem de seus maridos, quando violentos e/ou opressores. Tal fato acabou levando Júlia Tofana à morte, como “bruxa”, pela Igreja Católica, no ano de 1633. Sobre esta última mulher, os alunos ficaram impressionados em saber que tal forma radical de resistência feminina acontecia, em uma época muito distante e anterior a nossa, e que as mulheres, há tempos remotos, buscavam meios solidários entre elas para se defenderem de brutais opressões. Outras mulheres que apresentamos a eles, neste longo período medieval, foram Hildegarda Von Bingen (1098-1179), considerada a primeira mulher a falar sobre o orgasmo feminino, e que andava de braços dados com os governantes; Leonor de Aquitânia (1122- 1204), que participou da Terceira Cruzada e Elizabeth I (1533-1603), que governou a Inglaterra a partir de do ano de 1558, uma rainha poderosa e centralizadora.

Dando sequência as nossas aulas levamos até aos alunos a história de Joana D´arc, (1412-1431), personagem importante na França durante a guerra dos Cem Anos. Ela foi capturada, considerada bruxa, e queimada na fogueira da inquisição no ano de 1431, sendo



posteriormente canonizada no ano de 1920. Hoje é considerada santa padroeira da França pela própria igreja que a queimara no passado.

Nossa história está recheada de mulheres que fizeram a diferença na sociedade que pertenceram, por tanto abordamos com os alunos algumas delas deixando bem claro a eles que haviam muitas outras a serem conhecidas.

Nosso objetivo principal com estas aulas foi buscar uma forma de empoderamento feminino juvenil, a partir destes relatos de resistências e vanguardismo feminino.

Buscou-se a partir destes exemplos de mulheres, de suas diferentes formas de resistências, protestos e mobilizações, questionar as bases das relações de poder presentes entre os gêneros em nossa sociedade. E, a partir disto, criar formas de conscientização das mulheres, ainda em tenra idade, sobre a importância de reivindicarem por igualdades e respeito as diferenças entre os gêneros. Destacamos ainda que a prática do empoderamento feminino não deve ser apenas “algo” das mulheres, pois os homens também, desde tenra idade, precisam participar deste processo de desconstrução das relações patriarcais de poder. Por empoderamento entendemos, com base em Sharma Batliwala, o seguinte:

“O termo empoderamento se refere a uma gama de atividades, da assertividade individual até à resistência, protesto e mobilização coletiva, que questionam as bases das relações de poder. No caso de indivíduos e grupos cujo acesso aos recursos e poder são determinados por classe, casta, etnicidade, e gênero, o empoderamento começa quando eles não apenas reconhecem as forças sistêmicas que os oprimem, como também atuam no sentido de mudar as relações de poder existentes. Portanto, o empoderamento é um processo dirigido para a transformação da natureza e direção das forças sistêmicas que marginalizam as mulheres e outros setores excluídos em determinados contextos” (1994, p. 130).

Para o melhor entendimento dos temas abordados usamos a metodologia de textos impressos que distribuimos para os alunos, fizemos também aulas expositivas com Power Point. As leituras tanto dos textos, quanto dos Power Points, foram feitas pelos próprios alunos, com pequenas intervenções nossas para explicação e questionamentos. Após esse



momento, para uma melhor compreensão da matéria, fizemos um fechamento com caça palavras, atividades interativas e com jogo da memória.

Após o desenvolvimento das matérias, tivemos um ótimo retorno ao verificar que nossos alunos foram capazes de entender, compreender e gostar dos temas trabalhados, tanto que vários deles fizeram pesquisas extraclasse, através da internet, a respeito destas mulheres estudadas. Lembramos que vivemos em um mundo altamente tecnológico, onde os adolescentes passam mais tempo “conectados” e que devemos aproveitar esta ferramenta ao nosso favor.

Avaliamos também que propiciamos formas pedagógicas de empoderamento feminino juvenil, pois inúmeras foram as manifestações de alunos e alunas de crítica à sociedade patriarcal atual. Identificamos também uma certa superação, entre esses alunos, da visão tradicional dos papéis sociais da mulher, enquanto mãe e esposa. Afirmamos isto pois, em uma aula, ao ser pedido que eles escolhessem uma mulher que concebiam como “empoderada”, do grupo de convivência deles, muitos escolheram suas mães, mas isto não pelo que ela representa somente dentro de suas famílias, mas também, e principalmente, a partir da atuação desta mulher no mundo do trabalho, já que muitas delas trabalham “fora” e/ou tem profissão.

Para nós, pibidianos, futuros professores, a experiência em sala de aula através do PIBID tem sido muito rica e gratificante. Trabalhar questões de gênero, a partir da busca do empoderamento feminino, tem se configurado, a nós, como uma prática inovadora e um verdadeiro desafio.

Palavras-chave: História das mulheres; empoderamento feminino; gênero.



Referências:

- BATLIWALA, S. (1994). "The meaning of women's empowerment: new concepts from action". In. G. Sen, A. Germain & L.C.Chen (eds.), **Population policies reconsidered: health, empowerment and rights**, pp.127-138. Boston: Harvard University Press. In: SARDENBERG, Cecília. **Conceituando "Empoderamento" na Perspectiva Feminista**. 2006. Disponível em: se <www.pathwaysofempowerment.org.> Acessado em 12/05/2017
- MACEDO, José Rivair: **A mulher na Idade Média**. São Paulo: Contexto 1992, p.44.



PERNOUD, Régine: **A mulher nos tempos das cruzadas**, Campinas, S.: Ed. Papiros 1993.

SALLES, Catherine. **Larousse das Civilizações Antigas**. Paris: Larousse, pp.243-246

GUIA SEGREDOS DO EGITO, 1 Ed. São Paulo, ONLINE 2014, pp. 33-34. Disponível:

<www.infoescola.com.br>. Acesso em 12/05/2017.